

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 11 - Mídia, Política e Sociedade

MECANISMOS DE DESORDEM DA INFORMAÇÃO: A AUTONOMIA DOS INDIVÍDUOS DIANTE DA MANIPULAÇÃO DE FATOS E DADOS EM AMBIENTES DIGITAIS

Marcus Vinicius de Souza Pereira (FESPSP)¹

Resumo: Este artigo pretende abordar os impactos causados pelos mecanismos de desordem da informação – os filtros de personalização ou bolha de filtros e a proliferação de informações de natureza falsa ou nociva – refletindo acerca da autonomia dos indivíduos diante da manipulação de fatos e dados em ambientes digitais. Com leituras que vão desde a abordagem distópica de George Orwell sobre a distorção dos fatos, apresentada em *1984*, até as discussões contemporâneas sobre o papel dos algoritmos na apresentação de conteúdo na internet, feita por Eli Parisier, passando pelo debate de Ignacio Ramonet sobre o papel ideológico dos grandes grupos de comunicação na difusão de notícias.

Palavras-chave: Desordem da informação; Desinformação; Fake News; Notícias falsas; Bolha de filtros; Filtros de personalização.

¹ Graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, Pós-Graduando em Gestão da informação Digital pela FESPSP. E-mail: marcusvinicius85@gmail.com

1) Introdução

Para os primeiros entusiastas da internet, a rede mundial de comunicação digital se tornaria um espaço de circulação da informação fluído e democrático. Consequentemente, o acesso tornaria os sujeitos mais preparados para se tornarem cidadãos capazes de interferirem de forma autônoma no mundo, agentes de uma sociedade global cada vez mais progressista e libertária.

Mas, ao contrário do que eles previram, a expressão do que é a realidade talvez nunca tenha sido tão confusa quanto atualmente. Não se trata aqui de afirmar que há cidadãos alienados e inconscientes do que existe ao seu redor, mas de que todos estamos miseravelmente confinados na mesma armadilha tecnológica, submetidos em bolhas de polarização cada vez mais agressivas e violentas.

Aliás, não é de hoje que a humanidade tem criado tecnologias das quais ele não é plenamente capaz de compreender. Historicamente, grandes ferramentas acabariam tendo seu sentido original deturpado, e algumas se tornaram armas de destruição em massa.

Neste momento, causa inquietação que diversos consensos científicos estabelecidos venham sendo contestados por ideias conspiratórias como o *terraplanismo* ou mesmo a discordância com o fato de que a temperatura de Terra está sofrendo alterações mais rápido do que nunca. Nunca tivemos tanta informação, mas nunca fomos tão vulneráveis e suscetíveis à desinformação. E esse fenômeno vem causando diversos transtornos ao redor do mundo.

A partir dessa inquietação, este artigo pretende discutir o fenômeno da desinformação a partir de duas perspectivas: abordar os conceitos sobre o fenômeno e refletir sobre as técnicas empregadas na produção da desinformação.

A reflexão é realizada a partir da leitura do clássico *1984*, de George Orwell, e os ensaios críticos de Eli Parisier e Ignácio Ramonet, respectivamente, sobre os filtros de personalização e sobre o papel ideológico dos grupos de comunicação no rebaixamento da qualidade da informação – tratada como mercadoria.

2) O que é Desordem da Informação?

Quando lemos George Orwell em seu distópico *1984* (2009), talvez seja difícil imaginar como um estado totalitário pudesse chegar àquele ponto. Mais do que isso, como foi possível que os cidadãos daquele estado tenham permitido que as coisas chegassem a tal ponto?

O escritor britânico imaginou um país, *Oceânia*, de proporções continentais, controlando os meios de comunicação e informação e estabelecendo aquilo que era verdadeiro em seu *Ministério da Verdade*. Dentro deste aparato estatal, burocratas do partido do governo, como o protagonista *Winston Smith*, editavam jornais, revistas e livros de acordo com a necessidade que o contexto político apresentava.

Os outros dois países existentes, *Lestásia* e *Eurásia*, eram os adversários de uma guerra permanente. Ora *Oceânia* estava em guerra com *Lestásia*, ora com *Eurásia*. E era importante que o registro das publicações e os meios de comunicação afirmassem que, desde sempre, o adversário sempre fora o inimigo. Não importava só o controle do presente, como o do passado.

É essa mesma distorção dos fatos imaginada por Orwell que vivenciamos atualmente. Muitas têm sido as tentativas de definir o fenômeno. A expressão *Fake News* vêm sendo utilizada frequentemente para caracterizar as notícias compartilhadas em meios digitais ou mesmo físicos que não representam a realidade. O problema é que essa expressão, por si só, não dá conta do fenômeno a ser discutido neste trabalho, mais complexo e abrangente, por isso a escolha por *Desordem da Informação*.

O relatório *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), produzido a pedido do Conselho Europeu, organização continental em defesa dos direitos humanos e democracia, é o documento que traz o conceito.

Elaborado pela britânica Claire Wardle, diretora-executiva do *First Draft News*, iniciativa internacional de pesquisa e combate à desinformação, e pelo iraniano Hossein Derakhshan, escritor e pesquisador, o estudo oferece definições que ajudam a compreender o fenômeno da desinformação.

De acordo com o relatório, o ecossistema da desinformação é composto por sete conteúdos com diferentes características (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 5). São eles:

- a) Falsa conexão: manchetes, ilustrações ou legendas em desacordo com o conteúdo.
- b) Falso contexto: conteúdo genuíno compartilhado com informações contextual falsa.
- c) Manipulação do contexto: informação ou imagem genuína manipulada com o objetivo de enganar.
- d) Sátira ou paródia: conteúdo sem intenção de prejudicar, mas com potencial de enganar.
- e) Conteúdo enganoso: uso de informações com a intenção de enganar.
- f) Conteúdo impostor: fontes genuínas são imitadas.
- g) Conteúdo fabricado: conteúdo falso criado com a intenção de enganar.

Esses conteúdos podem ser classificados, ainda, quanto ao seu caráter de difusão (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 20):

- Informação incorreta (Mis-information): compartilhamento de informação falsa, sem intenção de dano. Conteúdos com falsa conexão ou conteúdo enganoso, de natureza falsa.
- Des-informação: compartilhamento de informação falsa, com intenção de dano. Conteúdos com falso contexto, impostor ou fabricado, de natureza falsa ou nociva
- Mal-informação: compartilhamento de informação genuína, com intenção de dano. Conteúdos como vazamentos, assédio e discurso de ódio, de natureza nociva.

A desordem da informação envolve, portanto, a produção, difusão, e consumo de conteúdos de natureza falsa ou nociva. A existência desse tipo de conteúdo não é uma peculiaridade contemporânea. A novidade é o alto poder de escala e alcance global desse ecossistema a partir das tecnologias empregadas atualmente para a circulação da informação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 4), o que discutiremos a seguir.

3) Os mecanismos de desordem da informação

Ao comparar *1984* com o atual cenário, o horror é perceber o quanto Orwell antecipou muito do que passamos. Como não encontrar as ferramentas de controle de corpos em mentes de *Oceânia* com o que temos à disposição em nossos celulares, cartões de crédito e todos os meios pelo qual um chip que carrega nossos dados nos concede acesso a um determinado serviço?

Redes sociais digitais que identificam quem somos por meio de registros fotográficos, serviços de telecomunicação que monitoram onde estamos e antecipam para onde vamos, se estamos subindo ou descendo escadas ou se a pulsação do nosso coração está adequada. No cartão de crédito, os dados sobre o nosso consumo, impulsos e demandas, informações cruzadas com o banco de dados de instituições financeiras e demais agentes capitalistas para a realização de operações nada transparentes, como análise de crédito, da propensão ao endividamento e dos produtos mais adequados ao perfil do consumidor.

Este mesmo sujeito, monitorado em todos os seus passos, fica exposto a toda uma série de informações abundantes, a maior parte de nenhuma relevância, outras de natureza falsa ou nociva. O cidadão é integralmente vigiado e permanentemente confundido pela poluição da informação.

Eli Parisier, ativista digital norte-americano, membro do conselho do portal MoveOn.org e um dos fundadores do Avaaz.org, explica em seu livro *O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você* (2012) a forma como esses mecanismos digitais controlam os dados de seus usuários. De acordo com Parisier (2012, p. 13), algoritmos são empregados por gigantes da internet, como Facebook, Google e Apple, em prol da personalização do conteúdo visualizado pelos usuários em suas plataformas.

Existe um sentido econômico para a personalização, e é dessa lógica primária que operam os grandes portais da internet. O ativista destaca que “quanto mais personalizadas forem suas ofertas de informação, mais anúncios eles conseguirão vender e maior será a chance de que você compre os produtos oferecidos.” (PARISIER, 2012, p. 13).

Enquanto o indivíduo navega por esses sites, mais dados vão sendo colhidos e armazenados. Mas há um desequilíbrio entre os dados coletados pelas grandes corporações sobre os seus usuários e as acessíveis para os cidadãos.

A bolha de filtros, conceito de Parisier (2012, p.14), “são mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir”. Mas, a princípio, essa curadoria de conteúdo terceirizada parece não ser tão ruim diante da informação abundante. Com pouco tempo disponível, o cidadão abre mão de sua privacidade em troca do possível trabalho a ser dispensado em busca do conteúdo desejado. Dessa forma concordamos e concedemos acesso aos nossos dados, enquanto tornamos turvo o nossa compreensão da realidade. São mais dados disponíveis para as corporações, menos para os cidadãos.

Também é necessário entender como os grandes grupos de comunicação contribuíram para a desordem da informação. Mesmo antes de o Facebook e os smartphones terem sido criados e quando Google apenas engatinhava, Ignacio Ramonet, jornalista e sociólogo espanhol, discutia o papel ideológico da mídia para o rebaixamento da qualidade da informação.

Em seu livro *A tirania da comunicação* (2007, p. 8), Ramonet analisa o papel dos donos dos grupos de comunicação: “cada um constata que a informação é antes de tudo considerada como uma mercadoria, e que este caráter prevalece, de longe, sobre a missão fundamental da mídia: esclarecer e enriquecer o debate democrático”.

Ramonet identifica que a partir de alguns eventos com grande força de imagem, como a Guerra do Golfo, que davam à televisão hegemonia sobre os demais meios, a mídia escrita altera o seu modo de produção e passa a tratar de documentos que “não têm caráter espetacular e não são facilmente exploráveis pela televisão” (Ramonet, 2007, p. 16). A partir desse momento, a mídia escrita passa a pautar os demais meios, num fenômeno cíclico que o espanhol chama de mimetismo midiático:

O mimetismo é aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja qual for) sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuem uma grande importância. Esta imitação

delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola de neve e funciona como uma espécie de auto-intoxicação: quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital, e que é preciso dar-lhe ainda mais cobertura, consagrando-lhe mais tempo, mais recursos, mais jornalistas. Assim os diferentes meios de comunicação se auto-estimulam, superexcitam uns aos outros, multiplicam cada vez mais as ofertas e se deixam arrastar para a superinformação numa espécie de espiral vertiginosa, inebriante, até a náusea. (Ramonet, 2007, p. 21)

É a partir desse contexto, com a proliferação de escândalos de corrupção noticiados pela mídia corporativa se sobrepondo a todos os demais aspectos da vida cotidiana no noticiário, por um lado, e da necessidade dos indivíduos se sentirem bem informados, pelo outro, que nasce um novo problema. Se há informação demais, então há informação sendo suprimida. E isso também é uma forma de censura, uma “censura democrática” (Ramonet, 2007, p. 28).

4) Conclusão

Os filtros de personalização em ambientes digitais, utilizados pelas grandes corporações da internet, e a censura democrática, instrumentalizada pelas grandes corporações de mídia, acabaram por construir muros, num mundo cada vez mais polarizado e dividido pelo ódio.

Conduzidos por técnicas de recomendação que privilegiam conteúdos parecidos com aqueles já acessados anteriormente, o cidadão torna-se um sujeito fadado a repetir sempre seus hábitos e ter a mesma compreensão da realidade, excluindo a possibilidade do contraditório e da inventividade.

Enquanto isso, os donos das grandes corporações armazenam nos servidores de suas empresas um volume de dados sobre cada um de nós que sequer somos capazes de conceber.

O desequilíbrio nessa relação tem o potencial de produzir uma sociedade inerte, imersa em bolhas e um cidadão incapaz de agir de forma autônoma ou emergir das camadas de lixo informacional a que fica submetido, colocando a democracia em colapso e abrindo as portas para o totalitarismo.

Referências

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARISIER, Eli. O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RAMONET, Ignacio. A tirania da comunicação. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>>. Acesso em 25 out. 2018.